

ERRATA

No Artigo "Consequências Químicas das Transformações Nucleares, Parte II", Química Nova 2, 148-166 (1979), nas páginas 150-152, 158 e 161 onde se lê "vaga" leia-se vacância.

ERRATA

L. F. Alves, Química de Lepidopteros, Química Nova 3, 6-29 (1980).

Página 7, tabela 1. Onde se lê DIMBOA, leia-se MBOA (e não CIMBOA), e onde se lê CIMBOA, leia-se DIMBOA.

Página 11. O texto correto do último parágrafo é o seguinte: A maior atividade do racemato em *A. velutinana* exige a presença de dois sistemas quimiorreceptores estereo-específicos: um sensível ao isômero (+)-(R) e o outro capaz de responder ao enantiômero (+)-(S).

Página 12. Os componentes de *Lycorea ceres* são 7, 8 e 9; *Utethesia lotrix* 10; *Danaus gilippus berenice* 7 e 11 *Danaus plexippus* 12 e para *Lycaeides argyrognomon* 13.

ERRATA

Willy G. Engel – Química Nova, 2, 4, 1979.

Pág. 136. Onde se lê: O mais difícil em todo o nosso tratamento^{6,7} foi, . Leia-se: O mais difícil em todo o nosso tratamento foi,

Pág. 166. Onde se lê: Glasstone¹², More¹³, . Leia-se: Glasstone¹², Moore¹³, . Onde se lê: $a'A + b'B + \dots \rightarrow m'M + n'N + \dots$ (2)E. Leia-se: $a'A + b'B + \dots \rightarrow m'M + n'N + \dots$ (2).

CARTAS AO EDITOR

Senhor Editor,

Gostaria de trazer à *Química Nova* e, através dela, expor à comunidade química brasileira, minha opinião sobre um assunto que tem originado muita discussão e controvérsia entre químicos, e, inclusive, profissionais outros, que, embora não sendo químicos, têm, estranhamente, tido poder de decisão sobre assuntos que deveriam ser da alçada exclusiva de químicos que atuem e tenham experiência no campo da pesquisa e do ensino em química.

Acredito que todas as pessoas cultas conheçam e reconheçam a necessidade da comunicação entre seres humanos (ou outros) e, mais especificamente, entre os membros de uma sociedade.

Nós, químicos, não constituímos exceção e, se bem podemos aquilatar o valor de uma boa bibliografia sobre um assunto, temos que nos dispor também à divulgação dos nossos trabalhos, sejam eles provenientes de experiências em laboratórios, de caráter didático, ou fruto de pesquisa bibliográfica e manipulação intelectual de um assunto de interesse para a sociedade.

O reconhecimento da importância da publicação científica aliado ao interesse que tenho pelo meu país, cujo desenvolvimento também depende – embora não do modo como alguns não-cientistas pensam – da comunidade científica atuante, como tal, neste mesmo país, faz com que eu ponha em dúvida a validade do conceito tão amplamente divulgado de que a publicação de um artigo nosso em revista estrangeira tenha mais valor do que se publicado em revista brasileira.

Tal conceito tem prevalecido em muitos concursos de títulos e no julgamento de currículos em outros tantos processos ou pedidos de auxílio, por parte de pesquisadores, às instituições que dispõem de verba para tal fim.

Pergunto: para que, para quem, porque escrevemos nossos artigos? Qual a finalidade do nosso trabalho de professores e pesquisadores em química? A publicação de um artigo deve ser o resultado de um trabalho consciente, bem programado, realizado cuidadosamente, mesmo que para tal seja necessário longo tempo? A comunicação dos resultados e conclusões obtidos em uma experiência ou em uma série de experiências deve ser feita à sociedade a que se pertence ou a uma sociedade mais desenvolvida? Deve-se trabalhar

Página 12. Na coluna de referências, onde se lê 49 deve-se ler 50 e onde se lê 46, o correto é 47 e 48.

Página 13. Deve estar implícito que o n-octanal é o componente n^o 1 e que os dois últimos terpenos isômeros tem ambos o número 13.

Na página 13, na coluna de referências. Onde se lê 13, 49, 46, 15; Deve se ler respectivamente 137, 50, 47 e 48, 26.

Página 13. No componente n^o 10, isolado de *U. lotrix*, R=H ou OH, e o componente n^o 11, na realidade obtido de *D. plexippus* R=OH ou CO₂H.

Página 12. O penúltimo e o antepenúltimo componentes (11 e 12) estão trocados, isto é, o diol, n^o 12, foi encontrado em *Danaus gilippus berenice*, enquanto que o ácido n^o 11 isolou-se de *D. plexippus*.

Pág. 167. Onde se lê: se e somente se $\alpha = \alpha'$, $\beta = \beta'$... Leia-se: se e somente se $\alpha = \alpha'$, $\beta = \beta'$, ... Onde se lê: é de sua importância. . . Leia-se: é de suma importância. . . Onde se lê: $v = v_1 - v_2 = k_1 [A]^\alpha [B]^\beta \dots - [M]^\mu [N]^\nu \dots$ (10). Leia-se: $v = v_1 - v_2 = k_1 [A]^\alpha [B]^\beta \dots - k_2 [M]^\mu [N]^\nu \dots$ (10).

Pág. 168. Onde se lê: Salle, Frankfur. . . Leia-se: Salle, Frankfurt. . . Onde se lê: ¹⁹ A. Ecken e E. Wicke, . . . Leia-se: ¹⁹ A.Eucken e E.Wicke, . . .

para publicar ou publicar porque se trabalha e no desenvolvimento desse trabalho encontra-se algo que deva ser partilhado com a comunidade?

A publicação em língua estrangeira, em revista estrangeira, facilitará muito as coisas para o estrangeiro, mas só trará dificuldades para os brasileiros: Primeiro, porque nos obriga a comprar a revista estrangeira para ler artigos de pesquisadores brasileiros; segundo, porque o idioma estrangeiro dificulta a leitura para muito bom químico em formação, e terceiro, porque esvazia as revistas brasileiras de boas publicações, tornando-as desacreditadas e fazendo com que fiquem ainda mais difíceis as condições para o desenvolvimento de uma comunidade científica consciente e que pretenda ser respeitada.

A publicação em revista brasileira se justifica ainda mais quando se trabalha com matéria prima brasileira e o público que se pretende atingir e sensibilizar é o brasileiro. O argumento de que tais artigos ficam restritos apenas a quem lê português não é válido já que todos os trabalhos originais são resumidos e publicados em inglês pelo *Chemical Abstracts*, e não é raro receberem-se pedidos de separatas, por parte de pesquisadores de centros mais desenvolvidos, de artigos publicados em português, em revista brasileira.

Tenho conhecido muitos pesquisadores estrangeiros em seus países, mas até hoje ainda não conheci um só que – nos países ditos desenvolvidos – publicasse seus artigos em idioma que não o do seu país.

Não acredito que essa atitude de desvalorizar publicações feitas em revistas brasileiras vá mudar em futuro próximo, mas espero que todo químico brasileiro ou que viva no Brasil e que tenha respeito e apreço pelo país pense um pouco antes de se decidir a mandar seus melhores artigos para revistas estrangeiras e que possa até quem sabe, resolver depositar um pouco de confiança no esforço de alguns brasileiros e dar o seu apoio para melhorar e consolidar a comunidade química brasileira.

Dra. Adelina Costa Neto

Instituto de Química, UFRJ, Brasil
2 de junho de 1980